



ORAÇÃO FUNEBRE
QUE
NAS EXEQÜIAS 
DO
SENHOR
D. JOÃO III

RECITOU
NA
Real Capella da Universidade de Coimbra
aos 11 de Junho de 1853

O DOUTOR
FRANCISCO ANTONIO RODRIGUES DE AZEVEDO,
Lente Cathedratico de Theologia na mesma Universidade.

LISBOA.
EM CASA DE J. P. M. LAVADO

Rua Augusta N.º 8.

1855.





116

1
J16



N. F. Boiv d'Azdo
1855

ORAÇÃO FUNEBRE

QUE

NAS EXEQVIAS

DO

SENHOR

D. JOÃO III

RECITOU

NA

Real Capella da Universidade de Coimbra

aos 11 de Junho de 1853

O DOUTOR

FRANCISCO ANTONIO RODRIGUES DE AZEVEDO,

Lente Cathedratico de Theologia na mesma Universidade.

LISBOA.

EM CASA DE J. P. M. LAVADO

Rua Augusta N.º 8.

1855.

ORAÇÃO FUNEBRE

DE

DE

D. JOÃO III

DE

ADVERTENCIA.

A instancias de alguns amigos do Sr. Dr. Rodrigues permittiu elle, que esta sua Oração fosse impressa.

EM

EM CASA DE J. P. M. LAYDO

dos

1852

ORAÇÃO FUNEBRE

NAS

EXEQÜIAS

DO

SENHOR D. JOÃO III.

*Non recedet memoria ejus, et nomen
ejus requiretur à generatione in gene-
rationem.*

Eccl. 39 — 13.

A tendencia dos espiritos parece dirigir-se — hoje em grande parte — a romper inteiramente com o passado; a cavar um abysmo entre a nossa idade e as que a precederam; a destruir os monumentos e instituições de outras eras; e até a apagar as memorias, e as tradições dos povos. A litteratura moderna produz, ou pelo menos favorece esta tendencia; e armada com um nivel de ferro pretende arrazar tudo o que não é d'ella.

**

Nos seculos da barbaridade tambem foi tentado pela força o que hoje se pretende pelas idéas; mas a intelligencia zombou da força, como o bom senso ha de zombar dos desvarios da intelligencia.

A despeito das devastações e ruinas, por que passou a Europa, nós ainda hoje estudamos as instituições do mundo antigo; admiramos os grandes genios, que elle produziu; procuramos os seus monumentos, e imitamos os primores de suas artes.

Não se destroe, nem se inverte uma lei moral da natureza. Assim como o ancião recorda com saudade e orgulho os dias da sua robustez e juventude, assim os povos nunca esquecerão os dias da sua gloria. Pelo contrario ham de perpetuar os homens, os factos, ou os monumentos, que os tornaram grandes entre as Nações da terra.

Ha homens, cuja memoria só perecerá com os povos, a quem pertencem. Ha factos, que ham de atravessar incolumes os seculos. Ha monumentos, que os homens não poderão destruir.

Em quanto Portugal fôr contado no numero das Nações, não esquecerá o valor do primeiro Affonso. Nossas possessões d'Africa farão reviver os nomes de João I e Affonso V. A India recorda a felicidade de um D. Manuel. A Universidade de Coimbra immortaliza a memoria de D. João III.

Em quanto subsistir esta academia de que foi o Restaurador, não morrerá seu nome; suas virtudes serão apregoadas, serão prestados á sua memoria os tributos de louvor e de

reconhecimento. *Non recedet memoria ejus etc.*

Grata aos beneficios, que deveu a este monarcha, e guiada ao mesmo tempo por um sentimento de religião, esta Academia, hoje junto aos altares santos, envia ao Ceo humildes supplicas pelo seu descanso eterno, e perpetúa a sua memoria fazendo repetir seu elogio. — *Non recedet etc.*

Filho desta Universidade, e que muito me honro em o ser, eu subo pois a este logar como interprete de seus sentimentos. E felizmente para mim, Senhores, que fallando do Sr. D. João III, eu tenho de fallar da melhor época da nossa existencia politica, que não só litteraria.

Se o Sr. D. João III exige o reconhecimento e gratidão de todos os homens de letras pela reformação dos estudos, merece ao mesmo tempo o respeito de todos os verdadeiros portuguezes pelo engrandecimento da patria. A patria e as letras igualmente prosperaram no tempo do seu reinado: eis em summa o elogio deste grande Rei, o pensamento e objecto de minha oração.

E' a quarta vez que subo a esta cadeira para fallar do mesmo objecto: desculpae-me se eu repetir as mesmas idéas, que não repetirei as mesmas expressões.

Enriquecido com as invenções e descobertas dos dois seculos precedentes, o seculo XVI parecia destinado para colher o fructo de umas, e aperfeiçoar as outras.

A imprensa começava a fazer circular as idéas com maior rapidez: a bussola guiava o navegante no mar alto, e o animava a devasar sem susto a sua immensidade: a polvora mudava a arte da guerra, e dava incalculavel vantagem sobre os povos, que a desconheciam: finalmente a India, de que o Gama mostrára o caminho, e a America, que descobríra o celebre Genovez, excitavam sentimentos de cubiça ou de gloria em todas as Nações da Europa.

Este seculo, memoravel nos fastos da Religião e da Sociedade pela revolução protestante na Allemanha, este seculo viu representado, personificado mesmo, tudo o que era grande: a magestade imperial em Carlos V, a honra e o pundonor em Francisco I, a sciencia e a erudição em Erasmo e Moro, as bellas artes em Raphael e Miguel Angelo.

Foi este seculo — famoso na historia da humanidade — que viu nascer e reinar o Sr. D. João III.

Nascido em outro seculo poderia qualquer monarcha com disposições ordinarias e até vulgares alcançar nome e gloria para si e para os seus; mas no seculo XVI só o fazer-se conhe-

cido na Europa revela talentos e disposições muito superiores.

Muitos e adequados elementos para a grandeza e felicidade da Nação legára o Sr. D. Manuel a seu filho e successor no throno ; mas foi o Sr. D. João III que soube aproveitá-los, e fazer de um pequeno reino não só um dos maiores potentados do mundo, mas a admiração, a inveja e a gloria da Europa.

Pequeno infante, com braços de gigante, o reino de Portugal tinha apenas — como hoje — cem leguas de extensão no continente ; mas no tempo do Sr. D. João III alcançava com um braço vastas regiões no Oriente, a distancia de mais de seis mil leguas ; e com o outro formava na America uma colonia tam rica e poderosa, que se tornou em um dos maiores imperios de nossos dias.

A nossa decadencia — diz-se — data do seculo XVI ! E' verdade, Srs. Quando já tinha — ha muito — baixado ao tumulo o Sr. D. João III, a imprudente jornada de Alcaçer Quivir ceifou nos areaes da Africa a flôr da nobreza e da mocidade portugueza com o joven Rei, que a conduzia ; preparou o captivo dos 60 annos ; e fez passar a maior parte das nossas conquistas ás mãos dos Hollandezes. Porém nos trinta e cinco annos do reinado do Sr. D. João III Portugal foi respeitado e engrandecido no exterior, feliz e illustrado no interior.

Os Albuquerque e Pachecos, que dilataram o reino no tempo do Sr. D. Manuel, tiveram

afortunados imitadores nos Silveiras, Menezes, Mascarenhas e Castros no tempo do Sr. D. João III. O primeiro cerco de Dio, sustentado por Antonio da Silveira, foi um prodigio de tal ordem, que immortalizou as armas portuguezas na Asia e na Europa. E monarchas houve, competentes apreciadores das façanhas militares, que mandaram os parabens a este valente capitão, quando elle voltou a Lisboa.

A conquista de Ormuz, Goa e Malaca já nos tinha feito senhores do mar das Indias. No tempo do Sr. D. João III, Antonio de Brito com a fortaleza de Ternate domina, pelas ilhas Molucas, a passagem para a China. Nuno da Cunha com a de Dio enfreia o rei de Cambaia, e abre toda a costa do Malabar. Estevão da Gama entra ousado e impunemente o Mar vermelho, aterra o Soldão do Egypto, e sóbe ao alto do Sinai armar cavalleiro D. Alvaro de Castro, filho do grande D. João de Castro. Finalmente Antonio da Motta, Francisco Zeimoto e Antonio Peixoto navegam até ao Japão.

O Rei de Cambaia cede aos Portuguezes Baçaim com suas terras e portos: o de Ternate lega seus estados ao Rei de Portugal. A victoria de Nuno da Cunha impõe um tributo ao Rei de Mombaça; o de Bintão, restituído ao throno por D. Pedro Mascarenhas, o paga voluntario, e o de Cotta e Ceilão manda a estatua de seu neto a Lisboa para alli ser coroada por D. João III.

Ao passo que no Oriente se estendia assim o nosso poder, e se engrandecia a nossa gloria; na Africa Luiz de Loureiro faz res-

peitar Mazagão, e leva o terror e a morte até os muros de Marrocos. O Infante D. Luiz acompanha Carlos V á expedição da Africa; e Antonio de Saldanha com a sua esquadra auxiliar se corôa de louros na conquista da Goleta e na tomada de Tunes.

Na America Duarte Pacheco funda a capitania de Pernambuco; Thomé de Sousa faz edificar á custa de ElRei a cidade da Bahia; Salvador Corrêa e Martim Affonso sam encarregados da colonização do Brazil, esse paiz vasto, virgem e abundantissimo, d'onde nos tempos seguintes provieram ao reino tam grandes e variadas riquezas.

Deste modo a terra parecia não bastar para os nossos triumphos; o mar gemia com o pezo dos nossos galeões, as nossas esquadras levavam a toda a parte o terror e a victoria; inimigos e emulos cediam á bandeira portugueza o imperio da terra e do mar. Carlos V, Francisco I, Henrique VIII, monarchas os mais poderosos da Europa, respeitavam nossas armas, honravam-se com nossa alliança. — Eis o que fomos no tempo do Sr. D. João III. Hoje que nos resta de tanta grandeza e de tamanha gloria?! a lembrança apenas do que fomos; e ainda mal — a vergonha do que somos.

Eu não quizera dizer deste logar uma verdade bem cruel: mas quem ignora o quasi total abandono, a que parecem votados — ha muitos annos — esses poucos e pequenos monumentos de grandeza e gloria, que nos restam no Oriente?

Não podemos ser hoje os dominadores da

Asia, como no tempo do Sr. D. João III, mas ainda lá conservamos um nome grande e honrado; um nome, que nos fez bemquistos em aquellas regiões longinquoas; um nome, que obrigou — ha pouco tempo — dois chins a virem a Lisboa procurar instrucção e Missionarios nossos.

A ferro e fogo sujeitámos nós aquellas Nações; mas foram os Missionarios, foram os Jesuitas principalmente, que firmaram lá o nosso poder por meio da Religião. Hoje, que esses povos não temem as nossas armas, pediam-nos as Missões.... mas.... voltarão sem ellas: e nós perderemos a occasião opportuna de influir ainda no Oriente pela Religião, e pela civilização.

Este nosso seculo (não digo nós, porque o mal é geral) este nosso seculo tem em pouco os interesses moraes e remotos, occupa-se exclusivamente com os materiaes e immediatos: parece-lhe que tem a viver pouco e torna-se desalmadamente egoista. Os interesses, chamados positivos, ou, em termos mais claros, o ouro e os prazeres vam-nos abysmando em um materialismo voluptuoso, que compromette, e ameaça gravemente o futuro da sociedade.

As artes e a industria realizam a nossos olhos milagres, que nem sonharam nossos maiores: o commercio estende-se em uma escala quasi infinita: a sociedade quasi toca o apice da perfeição no seu desenvolvimento material. Mas a miseria cresce á proporção que augmentam os productos; desapparece a moralidade e a virtude ao passo que se multiplica a ins-

trucção. E' esta uma verdade bem triste; mas é verdade.

De um lado a rapidez do movimento industrial accumula nas mãos de poucos riquezas enormes que custam o suor e vida de muitos: de outro lado as idéas de nivelamento universal, que agitam tantas cabeças, sam formuladas em diversas theorias, e atacam mais ou menos claramente a organização actual do trabalho, a distribuição dos productos e a propriedade mesmo. Nestas circumstancias, que póde esperar-se da grande massa do povo, opprimida de miseria, e avida de prazeres, privada de educação e seduzida por vãs theorias?

Arrastados pela tendencia do seculo, imitando as outras classes, os pobres só sam devorados pela sêde ardente de melhorar sua situação, de obter os prazeres que disfructam os ricos. Ao mesmo tempo uma escola moderna lhes ensina, que a propriedade é um roubo, e por este meio os dispõe e incita para projectos tam criminosos como insensatos no momento em que as circumstancias tornarem possivel a tentativa.

Só a criação e fomento dos interesses moraes, só a convicção intima e profunda das idéas religiosas póde prevenir esta catastrophe. Sim, Srs., porque só a Religião inclina os pobres á resignação; e os consola em seus infortunios; só ella lhes torna supportaveis os males presentes com a esperanza de uma vida melhor; só ella inspira obediencia ás leis, submissão aos governos; só ella tempera os odios dos pobres, diminue sua inveja, eleva seus pensamentos; só ella fórma em

seus corações uma moralidade solida; só ella em fim é capaz de os conter no precipicio do vicio e do crime.

Perdoae-me, Srs., esta digressão, que eu não pude evitar. Volto ao meu assumpto e serei breve.

Respeitado e engrandecido no exterior o reinado do Sr. D. João III foi feliz e illustrado no interior,

Uma serie tam longa de prosperidades inauditas elevou o reino a um ponto de gloria e de magnificencia, em que os seculos passados ainda o não tinham visto. Portugal tornou-se o espectaculo pomposo de toda a Europa: e Lisboa, excedendo Veneza, a rainha do Adriatico no tempo das Cruzadas, era o emporio de todo o mundo. As preciosidades do Oriente e os thesouros da America eram offerecidos em troca dos productos e manufacturas, que nos vinham trazer as outras Nações. Tudo respirava abundancia na Capital e nas Provincias; e as guerras ao longe entretinham a paz no continente.

No tempo em que a Italia, a França e a Allemanha experimentaram graves dissensões politicas e religiosas, que custaram o sangue e a vida a muitos dos seus filhos, o Sr. D. João III viu o seu povo por tal maneira unido, que parecia formar uma só familia, ter uma unica vontade. Para isto poderosamente concorreu o Tribunal da Inquisição, admittido no reino por este monarcha.

Collocados em uma sociedade, no seio da

qual o sentimento religioso está muito enfraquecido, dispostos mesmo a viver com homens de diversas religiões, ou sem religião alguma, nós nos horrorizamos só com a lembrança dos carceres e torturas, dos sambenitos e autos de Fé. Mas não julguemos pelas nossas luzes e idéas das idéas e luzes do seculo XVI: não avaliemos pelos nossos costumes mais doces os d'esse tempo, quando todas as nações da Europa decidiam com o ferro e fogo as questões religiosas, quando eram quasi barbaros todos os codigos penaes, do que as nossas Ordenações ainda se resentem.

Se a doutrina dos que pretendem abolir a pena de morte passar um dia á pratica, a posteridade, lendo as execuções do nosso tempo, se horrorizará como nos succede a nós ácerca dos supplicios do tempo passado. A forca, a guilhotina, o garrote e os fuzilamentos ham de — no futuro — inspirar tanto ou maior horror do que nos inspiram hoje as antigas fogueiras do Tribunal da Fé.

Os que julgam, que a Inquisição é uma nodoa no reinado do Sr. D. João III, chamar-lhe-hiam imbecil, se elle, conhecedor da sua época, não prevenisse com este tribunal as dissensões religiosas, que naquelle seculo e no seguinte fizeram nadar a Europa em sangue.

Sem a paz não interrompida de trinta e cinco annos dentro do reino não poderia El-Rei empregar os seus cuidados em promover os estudos e as sciencias. E a reforma das letras immortalizou o seu reinado.

Desde o tempo do Sr. D. Diniz se tinham estabelecido estudos em Lisboa. A experiencia

porém (que é a melhor mestra) mostrou que o local não era accommodado, e o mesmo Rei os transferiu para Coimbra. Não foi o zelo pelo progresso das sciencias, que fez voltar os estudos para Lisboa no tempo do Sr. D. Fernando. Os divertimentos e commodidades d'aquella cidade attrahiam por ventura os Professores para lá: o que é certo é que ali se achavam estabelecidos no tempo do Sr. D. João III.

Não podiam escapar á penetração deste grande monarcha os graves inconvenientes que resultavam da localidade. Quem ignora que as sciencias — para prosperarem — devem estar longe da influencia immediata do governo para que este não tente dominal-as? Quem desconhece, que a atmospheria politica da corte póde obscurecer ou desvairar as melhores intelligencias? Quem não sabe que as cidades populosas distrahem mais facilmente a attenção — a primeira e indispensavel condição para o estudo?

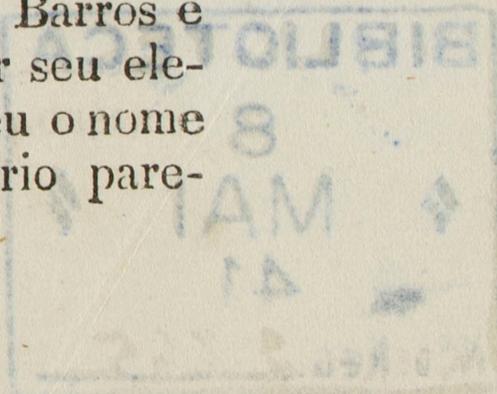
Os nacionaes e estrangeiros, que tinham adquirido nome na republica das letras, convidados por ElRei vem formar nesta cidade de Coimbra um corpo de estudos... Desde então a Theologia, a Jurisprudencia, os Canones e a Medicina tiveram nesta academia um curso regular e bem dirigido. E de París veiu um Collegio inteiro para ensinar linguas e humanidades.

Semelhantes aos raios do sol, que animam e vivificam toda a natureza, as letras fructificam por todo o reino.

Um litterato distincto, discorrendo com tanto gosto como discernimento sobre a litte-

ratura no reinado do Sr. D. João III o faz com tam extremados termos, que eu me servirei das suas proprias palavras : » Uma cousa, diz elle, que muita influencia teve sobre a lingua e litteratura portugueza, e que se deve ás instituições do Sr. D. João III foi o cultivo das linguas classicas. Os modelos gregos e romanos foram então versados de todas as mãos, estudados, traduzidos, imitados. Aperfeiçoou-se a lingua, enriqueceu-se, adquiriu então aquella solemnidade classica, que a distingue de todas as outras vivas. Seus periodos se arredondaram ao modo latino, suas vozes tomaram muito da euphonia grega. De um e de outro d'esses idiomas lhe vieram (principalmente do grego) os muitos hyperbatos : com o que vae rica, livre e magestosa por todas as provincias da litteratura, não havendo ahi genero de composição, para a qual, ou por doce de mais como o Toscano, não seja propria, ou por mais aspera e guindada como o Castelhano, não se adapte, por curta como o Francez não chegue, por inflexivel como o Alemão e o Inglez se não amolde. »

E com effeito a Poesia, a Historia, a Eloquencia tem n'aquella edade de ouro apurados modelos. Gil Vicente é o fundador do nosso theatro : Francisco de Sá Miranda, o Poeta Philosopho : Antonio Ferreira, foi para a lingua e poesia portugueza o que Horacio fôra entre os Romanos para a Latina : João de Barros é o mestre da historia entre nós, e por seu elevado estilo e culta linguagem mereceu o nome de Livio Portuguez : Jeronymo Osorio pare-



cê outro Ciceão na eloquencia e na latinidade : D. Antonio Pinheiro é o primeiro do seu seculo na eloquencia do pulpito : e finalmente para não referir outros muitos, André de Rezende é o nosso Varrão, como com propriedade lhe chamou o erudito Antonio Pereira de Figueiredo.

Quando as honras e as recompensas acompanham as lettras tudo se póde esperar do genio e do trabalho. ElRei deu áquellas uma baze solida com a reformação da Universidade, e não esqueceu remunerar estes com premios e com graças.

A's rendas antigas da Universidade juntou outras de novo ; fundou e dotou o Collegio de S. Paulo ; honrou os homens de lettras com os officios mais distinctos da republica e concedeu-lhes privilegios e prerogativas — mais preciosas que o ouro — para um coração nobre.

Bem justos sam estes titulos para merecerem o nosso respeito e a nossa gratidão ! Gratidão e respeito lhe tributaes vós todos, Srs., que hoje vindes honrar o anniversario da sua morte.

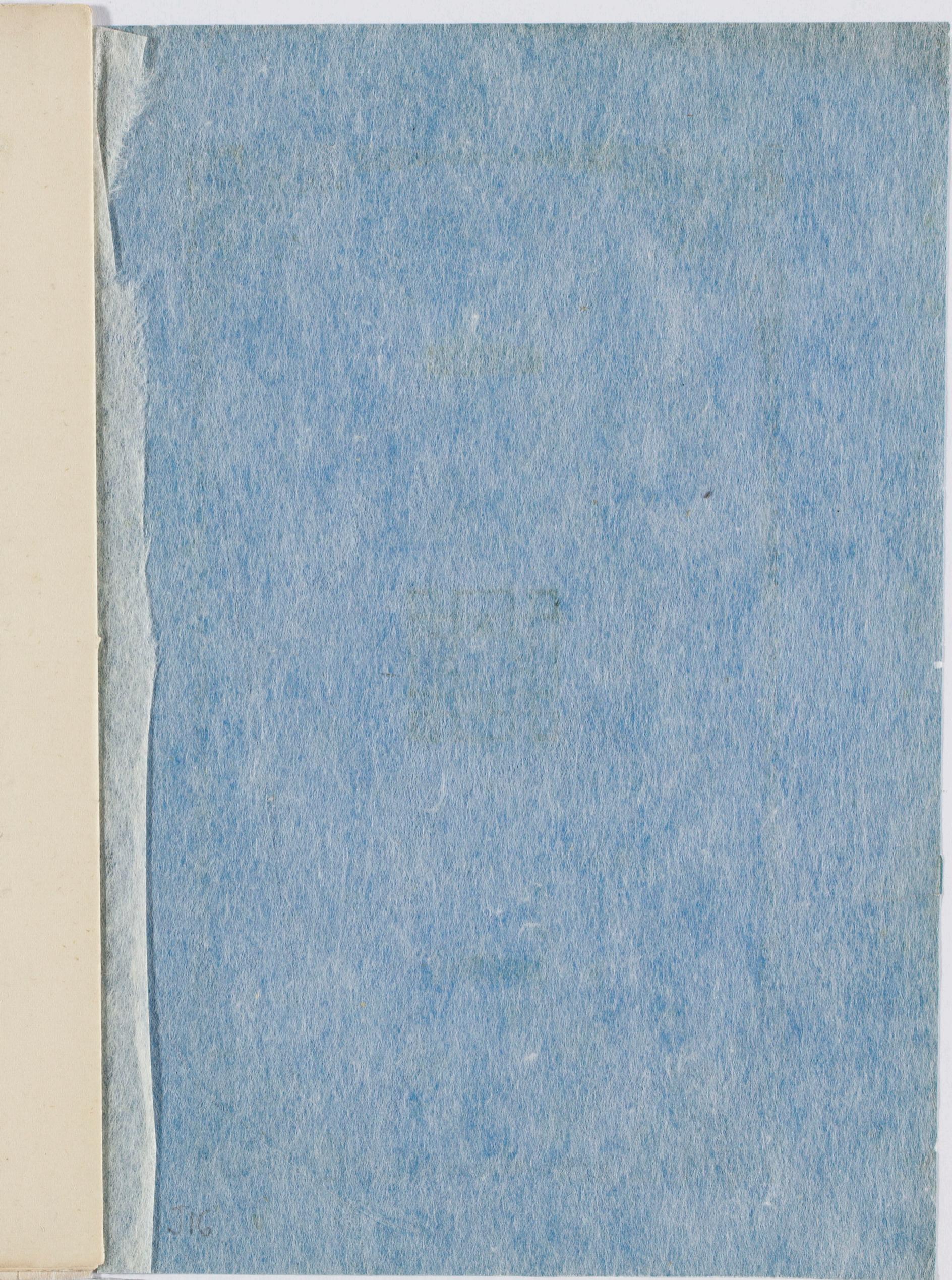
Praza a Deus que o bem, que elle fez ao seu povo servisse no tribunal supremo para lhe serem perdoadas as faltas inevitaveis da humanidade.

FIM.



LISBOA 1855. NA TYP. DE G. M. MARTINS.

RUA DOS CAPELLISTAS N.º 62.



216

